

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

## A peregrinação de Agosto, 13

### A diocese de Leiria aos pés da Virgem e a 1.ª Concentração Nacional da J. C. M. P.

Por determinação da Junta Central de Acção Católica e de acôrdo com o venerando Prelado de Leiria, a peregrinação desta diocese que costuma realizar-se todos os anos nos dias 12 e 13 de Agosto associou-se este ano a primeira Concentração Nacional da Juventude Católica Masculina Portuguesa que constituiu, a par de espectáculo admirável e comovente, alta manifestação de Fé e patriotismo, de amor a Deus e de devoção à Virgem Santíssima, gloriosa Padroeira da Nação.

Na véspera, desde o princípio da tarde, chegaram a pé, em automóveis e em caminhetas, milhares de peregrinos que entraram no recinto sagrado, rezando ou cantando hinos religiosos.

As 16 horas, deu entrada no local das aparições Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que presidia à peregrinação da sua diocese. Os grupos de peregrinos das cinquenta e cinco freguesias do Bispado, dirigidos pelos respectivos párcos e levando à frente estandartes de legendas e figuras piedosas, logo que chegavam ao portão principal do Santuário, seguiam para a capelinha das aparições, onde faziam as suas saudações e as suas súplicas à Rainha do Céu.

Entretanto os dedicados e incansáveis servitas conduziam os doentes para o Albergue onde eram recebidos e assistidos pelos médicos de serviço, auxiliados pelas beneméritas servitas.

//

As 20 horas, os rapazes da Juventude Católica reuniram-se nas imediações do Albergue e marcharam em formatura para o Santuário. Era sobremaneira impressionante o espectáculo que ofereciam, empunhando estandartes, rezando e cantando em cântico. Acompanhavam-nos o rev. dr. cónego Avelino Gonçalves e o sr. dr. Soares da Fonseca, respectivamente secretário geral da Junta Central de Acção Católica e presidente nacional da Juventude.

As 22 horas, rezou-se o terço em comum, seguindo-se a procissão das velas que constituiu, como sempre, um espectáculo admirável de beleza.

Terminada esta cerimónia, que é sem contestação uma das mais importantes e comoventes que se realizam na Fátima, ao lado da bênção dos doentes e da procissão das velas, começou o acto soleníssimo da adoração geral.

Presidiu a ela Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa que chegara durante a tarde acompanhado por Mons. Pereira dos Reis, ilustre reitor do Seminário Patriarcal de Cristo-Rei.

Rezou-se, como de costume, o terço do Rosário e, nos intervalos

das dezenas, prègou, comentando os mistérios gloriosos do Rosário, o rev. cónego Avelino Gonçalves.

Tôda a manhã, até às 6 horas, fizeram os habituais turnos de adoração elementos dos vários organismos especializados da Juventude Católica aos quais se associaram peregrinações vindas de diversos pontos do país. Foram prègadores os revs. drs. Manuel Rocha, Soares Rocha e Galamba de Oliveira.

As 6 horas, celebrou a missa da comunhão geral o rev. Mons. Pereira dos Reis. A missa foi acompanhada a cânticos pela *Schola*

O certame despertou um interesse extraordinário entre os peregrinos que acolheram com particular simpatia o menino Carlos Santos, da Marinha Grande.

As crianças mais classificadas foram distribuídos prémios pecuniários.

1.º prémio de 150\$00 ao menino **Carlos Santos**, da *Marinha Grande*, 2.º prémio de 100\$00 à menina **Alzira Rosa Antunes**, da *Freixenda*, o 3.º prémio de 50\$00 a cada um dos meninos **Maria Adriana Ferreira Gaspar** e **Alzirino Maria Franco Antunes** ambós de *Leiria*.

Ao fundo, tomou assento Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa rodeado por Suas Ex.<sup>cias</sup> Rev.<sup>mas</sup> os Senhores Arcebispo de Évora e Bispo de Leiria. Estavam também presentes, além de Mons. Pereira dos Reis, muitas dezenas de sacerdotes.

Depois de entoado de noyo o hino da Juventude, o sr. dr. Soares da Fonseca proferiu um vibrante discurso que causou no auditório profunda impressão.

Em seguida, foi executado o cântico falado «**Juventude pura e forte**», motivo de surpresa para a



Fátima — 13 de Agosto — Em quatro longas filas os rapazes da Juventude Católica descem a avenida central a caminho da escadaria para a execução do cântico falado.

*cantorum* do Seminário de Leiria. Aproximaram-se da sagrada mesa cerca de quinze mil pessoas, tendo sido ministrado o Pão dos Anjos por vinte sacerdotes. Milhares de fiéis assistiram às missas que, durante tôda a manhã, se celebraram nos diversos altares do Santuário.

//

As 9,30, Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Leiria anunciou ao microfone que ia principiar o certame catequista da diocese de Leiria, aproveitando o ensejo para dar algumas explicações sobre o assunto. Entre as crianças que mais se distinguiram foram escolhidas as melhores para dizerem na Fátima, servindo-se de palavras suas, o que pensavam acerca dum ou doutro ponto de doutrina.

4.º prémio de 20\$00 a cada um dos meninos: **José Afonso Vieira**, da freguesia de *Alvados*; **António de Sousa Jordão**, da freguesia da *Batalha*; **Maria da Piedade Barros**, da freguesia do *Juncal*; **António de Oliveira Cama**, da freguesia da *Freixenda*.

//

As 10,30, teve início a sessão de propaganda da Juventude Católica Masculina. Todos os filia-dos presentes na Fátima se concentraram na estrada que margina o recinto do Santuário e entraram formados pelo portão central em direcção à Igreja em construção, entoando o hino da Juventude. Tendo chegado à esplanada, dispuseram-se em filas na escadaria monumental, voltados para a multidão dos fiéis.

assistência cujo interesse e agrado eram manifestos. Impressionou-a sobretudo o cântico final em que aquela pléiade de jovens, de braços estendidos, jurou, perante a Santíssima Virgem, que seria fiel à sua missão de recristianizar a nossa querida Pátria.

Falou depois Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa a quem a multidão dos peregrinos fez uma entusiástica ovação. O seu discurso, breve mas notável pelo desassombro das suas afirmações, calou fundo no espírito dos ouvintes.

A cerimónia foi dirigida pelo secretário nacional da Juventude Católica, o sr. João Parente.

//

Efectuaram-se em seguida os demais actos tradicionais das peregrinações à Fátima: a recitação



do terço em comum na santa capela das aparições, a procissão com a augusta Imagem de Nossa Senhora e a Missa dos doentes. Esta foi celebrada por Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca que deu a bênção individual aos doentes e geral a todo o povo.

Por último, realizou-se a procissão do «Adeus» que encerrou a grande peregrinação diocesana de Leiria e a maravilhosa demonstração de Fé e piedade que foi a primeira Concentração nacional da J. C. M. P. **Visconde de Montelo**

COMO SUA EXCELÊNCIA REV.<sup>ma</sup>

O SR. D. TEOTÔNIO, VENERANDO

PATRIARCA DAS ÍNDIAS ORIENTAIS APRECIA O NOVO LIVRO

JACINTA

Em carta particular ao Senhor Bispo de Leiria refere-se o sr. D. Teotónio em termos tão elogiosos ao livro *Jacinta* que julgamos fazer coisa agradável aos nossos leitores arquivar nas colunas da «Voz da Fátima» os mais importantes períodos dessa interessantíssima carta.

«Nova Goa, 12 de Julho de 1938

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Colega e prezadíssimo amigo

Estando nós de mudança nos montes, no mês de Junho findo, o meu Bispo Auxiliar recebeu, oferecido por V. Ex.<sup>a</sup>, o belo livro intitulado «*Jacinta*», e tão justos elogios lhe fez que resolvemos preferi-lo a outros para leitura espiritual que costumamos fazer lá em comum, algum tempo depois da ceia, e à qual assistiam, além da minha pessoa e do Bispo Auxiliar, o Bispo de Meliapor, D. Manuel Guerreiro e os padres das nossas Dioceses que lá estavam connosco, sendo dois da minha Arquidiocese e seis de Meliapor. Tencionava eu mandar vir alguns exemplares para distribuir, mas eis que hoje mesmo recebo um oferecido por V. Ex.<sup>a</sup>, e que muito lhe agradeço. Andou a percorrer terras diversas, pois que um dos carimbos do correio, que traz, é de Macau.

«*Jacinta*» é um belo livrinho que pode fazer muito bem, e por isso, como já disse, desejo dá-lo a diferentes pessoas.

Portanto peço a V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o favor de dar ordem à respectiva tipografia para me serem enviados 50 exemplares».

AS MAES:

# Margarida Occhiena

(Mãe de S. João Bosco)

Por MOSS.

Quem há que não conheça a venerável figura de S. João Bosco, santo dos nossos dias, pois, apenas 50 anos são passados depois da sua morte e há quatro que a Santa Igreja o elevou à honra dos altares?

Apóstolo admirável, fundador da ordem dos Padres Salesianos, a sua obra de protecção à juventude pobre e desamparada, obra espalhada por esse mundo além, é dum extraordinário valor moral e social.

Mas não é dele nem da sua obra que neste momento pretendo dizer alguma coisa, mas do ambiente em que esta alma de eleição desabrochou, das mãos humanas a que Deus confiou o encargo de desenvolver e fortalecer as belas virtudes que ornaram este grande santo destinado a tão alta missão.

Tendo ficado órfão de pai na idade de dois anos, é de sua mãe, Margarida Occhiena, que elle recebe a educação e formação da sua primeira juventude.

Ao conhecermos alguns traços biográficos desta bela figura de mãe, mulher humilde e obscura de condição, mas elevada e grande na virtude, compreende-se melhor como é importantíssima e decisiva a acção das mães na vida de seus filhos e como é bem verdadeira aquela frase escrita por um dos biógrafos do grande santo: «O certo é que D. Bosco foi grande porque teve uma grande mãe».

Humilde lavadeira italiana sem instrução mas dotada duma grande inteligência e bom senso, impõe-se à nossa admiração pelo extraordinário zelo e cuidado na formação da alma e do carácter de seu filho.

É a religião cristã que ela vai beber os belos ensinamentos que prudente e abundantemente vai destilando naquela alma virgem, aberta e dócil à sua benéfica influência. É acima de tudo o amor de Deus que ela procura enraizar bem naquele terreno promissor. Que ternos cuidados na preparação da criança para a primeira Comunhão! Que belos e salutares conselhos e inspirações lhe dá para o preparar para o grande dia

em que vai receber pela primeira vez o bom Jesus!

«Men filho, dizia-lhe ela, Jesus quer fazer-te um grande presente e mimo, mas procura preparar-te bem; faz uma boa confissão, e não cales peccado algum. Arrepende-te das tuas faltas e promete ao Senhor ser agora melhor». Aconselha-o a pedir-lhe a graça de antes morrer do que cometer um peccado mortal.

E não foram ditas em vão as palavras de tão virtuosa mãe; mais tarde aludindo ao dia da sua primeira Comunhão, D. Bosco escreve — «retive e procurei praticar os avisos da minha piedosa mãe...»

Junto com o amor inocula-lhe também o temor de Deus, habituando-o à prática sublime e salutar da presença do Senhor com o lembrar-lhe frequentemente que Ele o via sem cessar nos seus trabalhos, nos seus brinquedos e folgares, que lia os seus mais recônditos pensamentos para que assim a criança, de olhos postos no Criador, soubesse dominar as más inclinações, soubesse pensar e proceder em tudo dignamente.

«Compreendendo quanto o físico influi no moral e desejando juntamente com uma alma sã dar a seu filho um corpo, não mole e efeminado, mas apto a suportar as durezas da vida, acostuma-o a um alimento saudável e sóbrio e a dar ao corpo só o descanso e comodidades indispensáveis. Nada de alimentos excitantes e gulodices prejudiciais; cama dura para não alimentar a preguiça e moleza.

Vigiava de continuo todos os seus actos e era zelosíssima em o afastar dos divertimentos em que por sua natureza ou pelas pessoas que neles tomavam parte, podia perigar a sua inocência. E, se o pequeno ficava triste e amuado com a severidade da mãe que não compreendia devido à sua inexperiência e pouca idade, ela tinha tal jeito, em distraí-lo e contar-lhe histórias interessantes que em breve o desgosto desaparecia.

Que alta lição para tantas mães descuidadas e culposamente imprudentes em permitirem que seus filhos frequentem divertimentos perigosos para a virtude!

O grande apóstolo que mais tarde havia de dedicar toda a sua vida à maior glória de Deus e à protecção e salvação dos rapazinhos pobres e desamparados, tivera em sua mãe uma grande mestra na prática da caridade. Pobre como era, a caritativa mulher não esquece os mais pobrezinhos que ela, repartindo com eles os seus magros recursos. E sabe dar com delicadeza, com a verdadeira caridade que se esconde como precitava o divino Mestre: «que a tua mão esquerda não saiba o que dá a tua direita».

Acudia a casa dos doentes levando-lhes não só o auxilio material de algum remédio ou alimento, mas também os seus piedosos conselhos e orações, ajudando até a bem morrer os agonizantes.

Duma tal escola, como não havia de sair um tão exemplar discípulo? Duma mãe assim era de esperar que viesse um filho como foi D. Bosco, cuja vida foi uma continua e gloriosa ascensão no cumprimento fiel da missão que Deus lhe confiara.

Mães cristãs, porque não haveis de imitar os exemplos e lições desta santa mulher? Quanta consolação teríeis com os vossos filhos, quanto bem fariéis à sociedade, e como o Senhor recompensaria um dia a vossa obscura e apagada mas tantas vezes heróica e sublime virtude.

Lêde pois a vida de Margarida Occhiena, mãe de S. João Bosco, e imital-a.

## “Voz da Fátima,”

### DESPESA

Transporte... ..	1.620.494\$29
Franquias, emb. transportes (n.º 191) ...	5.092\$54
Papel, comp. imp. do n.º 191 (379.700 ex) ...	16.899\$12
Na administração ... ..	236\$40
Total ... ..	1.642.722\$35

### Donativos desde 15\$00

Cipriana Vicente — Almargem do Bispo, 20\$00; Júlia R. Relvas — Pórtó, 20\$00; Maria Augusta Soares — América, 1 dólar; Ana Augusta de Oliveira — Evora 20\$00; Maria das Dores Amaral — Estarreja, 30\$00; Dr. António Augusto Taborda — Carviçais, 20\$00; António Augusto Apolinário — Carviçais, 20\$00; Emilia Fernandes Martins — Estoril, 50\$00; Cândida Mota de Jesus — Tramagal, 20\$00; Josefina da Nóbrega — Funchal, 30\$00; Elisa Mendonça — Funchal, 20\$00; Maria Lucinda Matos — Braga, 35\$00; Luísa Correia — Mesão Frio, 20\$00; Irmãs de S. José de Cluny — Landana, 200\$00; Anónimo de Lisboa, 20\$00; Beatriz Monteiro — Olho Marinho, 20\$00; Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Viscondessa de S. João da Pesteira, 1.000\$00; P.<sup>o</sup> A. Gonçalves — Singapore, 107\$00; Mrs. Fontes — América, 1 dólar; Mrs. P. Félix — Califórnia, 1 dólar; Mrs. M. Rodrigues — Califórnia, 2 dólares; Mrs. M. Marques — Califórnia, 1 dólar; Virginia Poshate — Califórnia, 1 dólar; Guilhermina Gonçalves — América, 1 dólar; Filomena Peurry — América, 1 dólar; Maria A. Morteiros — Açores, 1 dólar; Jacinta Rodrigues — América, 1 dólar; Madalena A. Folgado — Pórtó, 20\$00; Joaquina Macedo — Açores, 20\$00; P. José G. Carmelo — Extremoz, 25\$00; Dr. Abel Brandão — S. Cruz de Douro, 20\$00; Manuel M. Matos — Rio de Janeiro, 30\$00; Virginia Pacheco da Silva — Brasil, 50\$00; Inês de Matos Sequeira Coelho — Angola, 100\$00; Cândida Monteiro — Vila Pouca, 20\$00; Conceição M. Rodrigues — Paredelas, 20\$00; Ernestina Augusta Lopes — Avis, 30\$00; Benjamim de Almeida — Pórtó, 40\$00; Manuel Lopes Pedigão — Pontes, 15\$00; Alfredo Tórrès — Meadela, 20\$00; Raimundo Monteiro — Dakar, 55\$45; Alexandrina Fernandes — Vila F. das Naves, 20\$00; Maria Francisca Pires — Salir, 20\$00; Francisco Luís Louro — Alcácer do Sal, 20\$00; José de Freitas Limá — Mascotelos, 50\$00.

Acaba de aparecer a segunda edição de

## JACINTA

O livro mais popular até hoje escrito sobre a Fátima

Preço ... .. 5\$00  
Pelo correio ... .. 6\$00

Pedidos: ao Santuário da Fátima — Cova da Iria ou à Gráfica — Leiria



¿Porque é que os ingleses não dispensam o Vinho do Pórtó na sua mesa? Porque sabem que é a melhor bebida do mundo.

Beba “Pórtó” como fazem os estrangeiros.

## O culto de N.ª S.ª da Fátima no Estrangeiro

O conhecimento das Aparições de Nossa Senhora da Fátima tem-se espalhado por todo o mundo duma maneira prodigiosa.

Hoje citamos apenas dois factos que o comprovam.

### ITALIA

No próximo mês de Outubro apparece a 3.ª edição do livrinho «Le meraviglie di Fatima», trabalho do Rev. P.º Luis Gonzaga da Fonseca S. J., distinto professor da Universidade de Roma.

Esta obra já foi traduzida para português e polaco e em breve será publicada em francês.

### INDIA INGLESA

O falecido e benemérito Arcebispo de Bombaim, D. Joaquim, firmou um contracto para a edificação dum Santuário dedicado a Nossa Senhora da Fátima.

Este Santuário foi levantado entre os Katkaris, em Karjat — India inglesa.

O templo já foi aberto ao culto procurando os Revs. Missionários que ali exercem a sua acção apostólica uma imagem de Nossa Senhora da Fátima para o adorar.

Além destes dois factos podíamos apontar muitos outros relatados em cartas de diferentes países.

Pouco a pouco os iremos relatando aos nossos leitores.

# O RECREIO

por Margarida das Flores

## O confessor procurado ...

Os reis de Castela confessavam-se ajoelhados num largo reclinatório onde também se ajoelhava o confessor.

Um dia, a grande Isabel — a católica — escolheu para seu confessor o austero monje, frei Fernando de Talavera.

Entrou elle na capela, adorou o Santissimo e assentou-se num banco ao lado do tal reclinatório.

Julgou a rainha que o frade se distraisse ou ignorasse o cerimonial do costume e observou-lhe:

— E de joelhos, padre, que os confessores ouvem e absolvem os reis de Castela.

Resposta do frade: — Está enganada V. A. Aqui, os reis e as rainhas de Castela são peccadores que confessam de joelhos as suas culpas, e eu, o representante do Deus Omnipotente, sentado julgarei e sentado absolverei.

A rainha obedeceu humildemente e dizia depois à marquesa de Moja:

— É este o confessor que eu buscava!

Prática: — Logo que entramos num templo procuramos o Sacrário e, depois de fazermos o sinal da cruz, adoramos «o Pão que desceu do Céu», Jesus o Nosso Salvador.

A cruz é o sinal especialíssimo e vitorioso de N. S. Jesus Cristo. A Sagrada Escritura diz que o Senhor virá no último dia trazendo o seu sinal. É o emblema amado pelos cristãos, desde os primeiros tempos, o mais poderoso, conhecido e usado de todos os sinais, nas suas variadíssimas formas e applicações. O sinal da cruz deve ser o nosso primeiro gesto ao acordar e o último ao deitar; ao começar e ao findar as refeições, um trabalho, qualquer acto sério; usemo-lo num momento de perigo, medo, dúvida. Contam os escritores antigos que os primeiros cristãos o usavam constantemente. Mas... façamo-lo bem feito!... Digamos as respectivas palavras com devoção e conscientemente. É uma pena e até uma vergonha ver as garatujas vãs e irrisórias que alguns cristãos pretendem que sejam o nobre e glorioso sinal da cruz.

### Notícias lá de fóra

O nosso grande Papa Pio XI condenou o racismo italiano com o mesmo desassombro e a mesma firmeza com que condenou o racismo alemão. Defendeu com profundo amor e inte-

resse a Acção Católica, que o Papa quer livre e fiel ao seu verdadeiro espírito religioso e católico, isto é, universal.

Pio XI afirmou com a impressionante serenidade que dá a experiência e a certeza de 20 séculos de história: «quem fere a Acção Católica fere o Papa e quem toca no Papa morre».

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

## Novas pastilhas que evitam indigestões e regulam o ácido do estomago

É necessária uma certa quantidade de ácido no estomago. A digestão, para se fazer, carece deste ácido — a química organica fornece o. Os alimentos periclitados, o trabalho dos escriptórios, a falta de exercícius; tudo isto se combina para perturbar a mecânica do organismo. Em muitos casos a produção do ácido é excessiva.

Daqui resultam as náuseas, as indigestões, a flatulencia e outros incommodos gastricos. Quanto mais ácido, tanto maior a sensação de desconforto. Existe só uma forma de evitar estes inconvenientes: regular a quantidade de ácido que deve existir no estomago.

As Pastilhas Digestivas Rennie conseguem este fim. Contêm antiácidos que neutralizam o excesso de ácido e outros ingredientes que asseguram a perfeita digestão. Torne um hábito o tomar uma ou duas Pastilhas Rennie depois de cada refeição. Não tem necessidade de água, chupam-se como caramelos. A venda em todas as farmácias a Esc. 20\$00 os novos pacotes de 100 e a Esc. 6\$00 em pacotes de 25.

Regule a secreção do ácido tomando Rennie depois das refeições. Quando ha excesso de ácido, começa a indigestão.

INDIGESTÃO

AGUDA

COMEÇO DE DESORDEN DIGESTIVA

NORMAL

ESTOMAGO

PERICLITADO

**PASTILHAS RENNIE**  
Regulam o ácido do seu estomago

## Gritou durante horas seguidas com dores

Só com enorme dificuldade podia andar

Esta mulher do Fundão sofria tanto de dores nas articulações que só com enorme dificuldade podia andar.

Escreveu-nos uma carta, cheia de gratidão, contando-nos quanto sofreu de uma nefrite que a fazia gritar horas seguidas, passando muitos dias sem conseguir dar um passo. Todo o corpo lhe doía. Estava cansada de tanto sofrimento quando se resolveu a tomar os Sais Kruschen e diz que, graças a estes sais, tem melhorado muito. Toma a sua dose de Kruschen todas as manhãs e parece outra mulher. As dores nefríticas e ciáticas são sintomas de alterações profundas — as mesmas perturbações que dão lugar ao reumatismo, à gota e ao lumbago. São sinais de impureza de sangue. Kruschen é uma combinação de sais naturais que asseguram a limpeza interna e mantêm o sangue puro. Um sangue novo e fresco começa a circular por todo o organismo e, assim, as nefrites, ciáticas e muitas outras doenças deixarão de o atormentarem.

Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias a Esc. 17\$00 o frasco grande e Esc. 10\$00 o pequeno.

# Graças de N.ª S.ª da Fátima

— Só os malcriados escrevem aqui —

## NO CONTINENTE

**D. Maria José dos Santos Viseu** — **Foz do Douro**, diz ter sofrido durante 14 meses duma doença grave e contagiosa, renitente aos medicamentos empregado nesse espaço de tempo. Por fim, desanimada já, recorreu à Nossa Senhora da Fátima por cuja intercessão obteve do Céu a cura desejada.

**Irmã Maria José das Cinco Chagas**, em carta enviada do **Sanatório de Celas — Coimbra**, em 16 de Março de 1935, pede a publicação do seguinte:

«O ano passado, no mês de Dezembro, estando eu na **Missão de Cabinda**, adoeci gravemente com temperaturas elevadas. Cheguei a ter uma hemoptise, o que me fez pensar seriamente nos meus últimos momentos. As minhas companheiras, com grande confiança, começaram uma novena a N.ª S.ª da Fátima em meu favor. Uni-me a elas em espírito, e durante cada dia da novena tomei algumas gotas da água do Santuário.

Mais duas novenas se seguiram a esta, e no fim da terceira novena a febre deixou-me por completo e as forças vieram pouco a pouco.

O médico que me tratou, pensando que eu tinha doença nos pulmões mandou-me regressar a Portugal na primeira ocasião oportuna. Assim se fez, e agora os médicos que me examinaram afirmam que o meu estado nada tem de grave, favor que devo a Nossa Senhora da Fátima e que não mais esquecerá.

**D. Maria Almeida Ventura** — **Janeiro de Cima — Fundão**, escreve pedindo a publicação do seguinte:

«No dia 3 de Abril de 1933 adoeci com uma doença nos intestinos. Tomei proporções tão graves que já me julgava perdida. Recorri à medicina durante muito tempo, mas sempre sem resultado algum consolador. Desanimada já da medicina da terra, puz de parte todos os medicamentos, e recorri à Nossa Senhora da Fátima a quem pedi a minha cura e a quem fiz algumas promessas, dentre elas a publicação desta graça na «Voz da Fátima» e uma visita ao Santuário. Apenas fiz este pedido à Excelsa Mãe do Céu, comecei logo a sentir melhoras que, de dia para dia, se foram accentuando, sentindo-me já completamente bem! Graças sejam dadas a tão boa Mãe por este e tantos outros favores que me tem concedido».

**D. Virginia Vieira Lopes** — **Sezimbra**, pede aqui seja manifestado o seu agradecimento a Nossa Senhora da Fátima pelas graças que lhe concedeu na peregrinação de 13 de Maio de 1935 à qual assistiu.

**D. Guilhermina Cândida** — **Lisboa**, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças que por sua maternal intercessão alcançou do Céu em circunstâncias difíceis, quando a sua vida corria grave perigo. Agradece mais uma graça concedida a uma pessoa da sua família.

**A Ex.ª Sr.ª Condessa de Passos de Victorino** agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de seu filho António, que durante alguns dias esteve gravemente doente com uma pneumonia que julgavam fosse fatal.

**D. Antónia da Conceição Sousa Pinto** — **Viana do Castelo**, vem cumprir a promessa que fez de publicar no «Jornal de Nossa Senhora» as melhoras que obteve duma impertinente doença, invocando em seu auxílio Nossa Senhora da Fátima, cuja graça agradece imensamente reconhecida.

**D. Alice do Céu Madureira Xisto** — **Penedono**, vem muito reconhecida agradecer à Nossa Senhora da Fátima

ma diversas graças alcançadas por sua intercessão e que prometeu publicar.

**O Rev. P. Manuel Maria Soares** — **Avanca (Estarreja)**, em 1935, enviou o relatório seguinte, para ser publicado:

«Em 28 de Abril passado foi vítima dum desastre uma criança de 3 anos de idade. Dêsse desastre resultou-lhe a fractura da base do crâneo com hemorragia interna, deitando sangue pela boca, nariz e ouvidos. Apesar da opinião geral de que nada valeria, procurou-se um médico para a pensar. Limitou-se este facultativo a dar-lhe uma injeção de cafeína, e, como receita, disse o seguinte:

— «Tem vida para poucas horas; de cem casos é difícil vingarem-se um!»

Eu confiava em Nossa Senhora que a criança havia de escapar.

Passaram 24 horas e chamou-se outro médico. Depois de ter examinado a criança, disse:

— «Se fosse num adulto era preparar o que ele havia de levar; no entanto deitem-lhe géló na cabeça, e Deus fará o resto».

Assim se passaram 8 dias sem se notarem melhoras algumas nesse inocente de 3 anos que continuava sem ver, ouvir ou falar. Eu continuei a esperar não já na medicina da terra mas na do Céu, e recomendei-a a Nossa Senhora da Fátima; Passaram-se alguns dias e o poder e bondade da Mãe do Céu não se fizeram esperar. A criança começa a melhorar de dia para dia, e ela que está livre de perigo podendo até já caminhar! Simplesmente ficou privada da vista esquerda, mas tenho fé que a Virgem da Fátima lhe restituirá. Para mim foi uma graça extraordinária a salvação dessa criança. Venho hoje tornar pública a minha gratidão por tão grande benefício e por tão extraordinária graça concedida por Aquela que nas suas aparições de preferência escolhe as crianças».

**D. Cecília Fernandes Gil** — **Coimbra**, agradece uma graça recebida por intercessão de Maria Santíssima.

**D. Júlia da Glória Matheiro e Costa** — **Coimbra**, pede a publicação da seguinte carta enviada à «Voz da Fátima»:

«Em Setembro de 1933 adoeci-me meu filhinho Aníbal, de 13 meses de idade. No dizer do médico que consultei, o pequeno tinha uma enterite. Prescreveu medicamentos que foram aplicados, mas a criança continuava a piorar. Passado algum tempo consultei outro médico que me respondeu ser inútil contar já com a cura do doentinho. Sempre com desejo de o salvar consultei um terceiro médico que, mal o examinou, me disse:

— «Olhe, minha senhora, quando chegam a este ponto...»

Ao ver-me assim desenganada dos médicos, e a ver o meu filhinho tão magro, pois esteve 2 meses só a água fervida, quasi a morrer, puz de parte todos os remédios e, no primeiro sábado de Dezembro do mesmo ano, cheia de fé e confiança pedi a Nossa Senhora da Fátima que mo curasse, prometendo publicar esta graça no seu jornal. Desde esse dia comecei a sentir algumas melhoras, e agora está salvo. Venho, por isso, cumprir a minha promessa, agradecendo publicamente à Mãe do Céu a graça que me concedeu».

**D. Júlia de Macedo Correia Areias** — **São Vicente — Barcelos**, diz: «Em 1933 o meu marido principiou a sofrer do estômago, e o seu médico diagnosticou ser uma úlcera.

Seguiram-se alguns anos recorrendo à medicina com que se gastou muito dinheiro, e sentindo sempre dores, não sendo no entanto estas muito intensas. Com a vida financeira um tanto abalada, e presentindo grandes dificuldades futuras, recorri a Nossa Senhora do Rosário da Fátima

e prometi-lhe uma visita ao seu Santuário em dia de peregrinação (13), e trazer-lhe o meu cordão, se o meu marido sarasse sem ser necessário recorrer à medicina, mas só com alimentação de leite. Estão a completar-se quatro anos que segue este regimen, e durante este período de tempo apenas usou bismuto oito dias.

Creio que a minha petição foi ouvida e obteve despacho, porque nunca enjoou do leite, nunca sentiu dores, trabalhou sempre e ainda porque há já três meses que se alimenta sem dieta, isto é, come de tudo, inclusivamente carne de porco, sem que tenha sentido qualquer alteração no funcionamento do aparelho digestivo. E ainda que o não julgue radicalmente curado parece-me dever à Mãe do Céu a Sua intercessão, pelo que cumprio a promessa».

## NOS AÇORES

**José Alves de Sequeira** — **Ponta Delgada — Açores**, pede a publicação dos seguintes dizeres:

«Em 1932 minha mulher estava prestes a expirar sem que a medicina atinasse com qualquer remédio que a salvasse. Em companhia de meus filhos fiz uma promessa a Nossa Senhora da Fátima, recomendando-lhe a saúde de minha esposa. No dia seguinte, graças à Virgem Santíssima, já minha esposa começou a alimentar-se e a restabelecer-se! Agradecido por este benefício que aumentou de dia para dia, aqui venho prestar o meu público reconhecimento a tão poderosa e boa Mãe».

**D. Margarida da C. Angelo** — **S. Cruz das Flores**, diz:

«Humildemente agradeço à minha boa Mãe do Céu, Nossa Senhora da Fátima o ter melhorado minha mãe que estava sofrendo uma grave doença. Fiz a promessa de publicar esta graça, o que hoje desejo cumprir».

**D. Armanda Eulália do Amaral** — **Santa Cruz das Flores**, escreve pedindo a seguinte publicação:

«Estando a minha mãe com a vista muito estragada e não encontrando lentes que lhe servissem, o que lhe causava grande tristeza, recorri à Virgem Nossa Senhora da Fátima prometendo publicar a graça no seu jornal se tal favor nos fosse concedido. Tendo sido atendida a minha súplica venho hoje cumprir a minha promessa, agradecendo à Mãe do Céu tão insigne favor.

Igualmente agradeço diversas graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, especialmente uma que me foi concedida numa hora de grande inquietação.

Cheia de amor e gratidão para com a minha querida Mãe do Céu prometo, quanto me seja possível difundir o seu culto para sua maior honra e glória.

## EM DAKAR-SENEGAL

**João Mendes Tavares** — **Instituto Pasteur — Dakar**, enviou a seguinte narração com o pedido de que seja publicada:

«Há tempos, uma filhinha minha, que frequentava a Escola das Religiosas da Imaculada Conceição nesta cidade, adoeceu duma forma tal que nos inspirou sérios cuidados, vendo-me, por isso, obrigado a interná-la no Hospital. Uma vez no Hospital, em vez de melhorar, continuava a piorar a olhos vistos.

Bastante desanimado com esta doença, só tinha um recurso a que lançar mão. Roguei então à Virgem Senhora da Fátima que se condesse da minha filha e que lhe alcançasse a saúde. Comecei imediatamente uma novena por esta intenção.

Qual não foi o espanto de todos quantos conheciam a doente, quando vimos que, depois desta petição, a nossa doentinha melhorava duma

forma tão repentina que, ao oitavo dia da novena, o médico autorizou-me a levar a minha filha para casa visto julgá-la já bem e sem necessidade de hospitalização.

Vejo para casa assistir ainda à conclusão da novena, prometida para obter a sua cura.

Por tal favor que atribuo a Nossa Senhora da Fátima, venho pedir a publicação desta minha carta, para assim patentear o meu reconhecimento a Nossa Senhora por esta e por diversas outras graças que por sua intercessão amorosa me têm sido concedidas».

## NA AMÉRICA

**D. Amélia M. Medeiros** — **América do Norte**, deseja agradecer aqui publicamente a cura de sua sobrinha **D. Maria de Andrade**, que esteve gravemente doente em consequência de um parto. Feita uma novena a Nossa Senhora da Fátima em favor da doente, foi por esta recuperada a saúde, para amparo de seus filhos, o que causou suma alegria a toda a família.

**Manuel Medeiros** — **América do Norte**, reconhecido a Nossa Senhora da Fátima pela cura de sua esposa que se encontrava, diz, em gravíssimo perigo de vida, vem publicar o seu reconhecimento por tão grande favor, enviando também uma esmola para o Santuário da Fátima.

## NA ÍNDIA

**De uma carta circular dos Padres Jesuítas de Allapé — Índia**

1. Meu Rev. Padre, agradeço a N.ª S.ª da Fátima por ter conservado a meu marido um posto do qual esperava ser despedido; e por ter curado a dois filhos meus. Desde que começaram todas estas aflições, eu puz a minha confiança em Nossa boa Mãe e pedi-lhe me ajudasse a vencer todas estas dificuldades.

2. Duma carta de um pai agradecido, **Caro Padre**, recebi a água. Agradeço a pronta remessa dela. A minha filha sofria de uma aguda bronquite e dos dentes. Uma noite pôs-se muito mal. Principiei as orações a N.ª S.ª da Fátima e já ela estava muito melhor quando a água chegou. Agora está completamente boa. Gostaria de fazer tudo o que estivesse na minha mão para propagar o culto de N.ª Senhora. Escreva-me e dê-me indicações.

3. **Caro Padre**, Com satisfação venho informar a V. Ex.ª do grande favor que N.ª S.ª da Fátima fez a uma minha filha que sofria muito de asma havia 7 anos. Recebi a agradável surpresa, depois de fazer uma promessa a N.ª S.ª da Fátima, de ver logo a minha filha melhorada, e há três anos que está inteiramente restabelecida. Seja conhecida e amada N.ª S.ª da Fátima por todo o género humano!

4. **Caro Padre**, O meu marido estava doente com febre e tosse. Fizemos uma trezena em honra de N.ª S.ª da Fátima. Depois da oração davam-se-lhe umas gotas de água. A febre passou-lhe inteiramente e está muito melhor da tosse. Outra cura extraordinária foi a dum filho do meu sobrinho, de seis anos, que apareceu de repente com febre, altíssima e permanecendo assim 6 dias. Todos os médicos perderam a esperança. Umaz gotas da água de N.ª S.ª da Fátima fizeram-no reviver; e desde então começou a melhorar e está já inteiramente curado. Seja sempre amada, engrandeida e honrada N.ª S.ª da Fátima.

5. **Caro Padre**, Dou os meus melhores agradecimentos a N.ª S.ª da Fátima pela cura dum entorço no tornozelo que me deu muito que sofrer. Fiz uma novena a N.ª S.ª da Fátima e bebi da água que V. Rev.ª me mandou, depois do que, senti um grande alívio e sinto-me já curado. Graças a N.ª S.ª da Fátima.

Quem hoje visita o Santuário da Fátima pode ver em letreiro bem visível esta afirmação aposta ao fontenário.

Esperamos que de hoje em diante o costume vá desaparecendo.

A propósito dêle publicaram as **Novidades** no seu número de 16 do mês passado a seguinte nota do dia que com a devida vénia vamos transcrever na íntegra:

«O hábito portuguêsíssimo de escrever nas paredes e pedras dos monumentos, sob as duas formas de garatujar ou gravar a canivete recordações piegas, se se trata de turistas e qualquer espécie de pessoas que vão em visitas ou de deixar a lápis nas entradas das casas contas e obscenidades, se se trata de marçanos de mercearia — é coisa que tem resistido a todas as tentativas de cultura cívica em globo e por cabeça, que já constituem trabalho abundante de algumas boas vontades».

A mania revela deseducação notável e até «orgulho individual accentuado», como disse Ramalho, se não erramos a citação.

Inclinamo-nos mais para a primeira classificação. O nosso povo, de mais de uma classe, que deita os papéis pequenos e grandes para o chão, que deixa em toda a sombra campestre ou à beira-mar sinal da sua suja passagem, e não leva a bem visitar um monumento sem nele esculpir uma graçola ou o próprio nome, dá com tal costume inveterado apenas uma mostra de má criação, traduzida, quanto aos monumentos, em desrespeito que faz grande pena. Se jocosmos o hábito em monumentos religiosos o caso sobe do ponto: é desrespeito e imperdoável profanação.

Foi por isso com o sentido de que o facto representa um expediente supremo contra um enorme atrevimento, em local onde a policia tem de ser feita sobretudo pelo self-control que cada um dos visitantes tem de levar bem vivo em si mesmo, que vimos agora na Fátima um aviso que é lição necessária e oportuna.

Após todas as grandes e pequenas peregrinações ao Santuário se viam as colunas e paredes do Fontenário repletas de dizeres, sentenças e datas, escritas a lápis por peregrinos, de certo com o pensamento mais nêles próprios do que na majestade venerável do lugar.

E foi ali, por isso, posto grande cartaz onde, em fundo branco e com letras muito pretas se pode ler: «Só os malcriados escrevem aqui».

Durus sermo: mas ensinamento preciso, oportuno e para doer, como convém.

Prolongando nesta página a intenção dêsse cartaz, temos só intenção de contribuir para que os peregrinos ou quaisquer visitantes ao Santuário ali vão com vontade, menos de escreverem nas paredes, do que de fazerem da sua alma parede larga onde Deus escreva tudo aquilo que lhes convier ler».

## TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA» NO MÊS DE AGOSTO

Algarve ... ..	5.895
Angra ... ..	20.656
Beja ... ..	3.790
Braga ... ..	87.730
Bragança ... ..	15.576
Coimbra ... ..	16.838
Évora ... ..	5.428
Funchal ... ..	18.894
Guarda ... ..	24.739
Lamego ... ..	13.460
Leiria ... ..	17.527
Lisboa ... ..	11.438
Portoalegre ... ..	11.108
Póvoa ... ..	61.786
Vila Real ... ..	31.158
Viseu ... ..	11.075
	357.098
Estrangeiro ... ..	3.673
Diversos ... ..	18.929
	379.700

# Palavras mansas

## À beira-mar

Faz-me bem, de quando em quando, ver o mar — o mar da Foz, o mar em que se mete o rio, que, por passar à beira da minha terra, ainda hoje me diz que ajudou a embalar o meu berço... É para lá também que vai, no verão, a boa gente dos meus sítios em combóios, camionetes e autênticos barcos rabêlos de proa alta, coqueiro, opêgadas e espadela. *Mare nostrum...*

Ac pobre homem do povo, que nunca esteve no Pôrto, perguntam desdenhosamente os viajados:—Ainda não viste o mar?... Precisas de lá ir, tens de lá ir. Não viste nada! O mar é feito de serras e serras de água e parece que não tem fim... Familiar a toda a gente da costa, uma espécie de irmão muito amigo, o mar, para a gente do interior, é um elemento estranho e misterioso. Nota-se, pois, facilmente que o prestígio dos que voltam da emigração para o Brasil, não resulta apenas dos anéis, do panamá e dos títulos ao portador; filia-se também na coragem audaciosa com que afrontaram o mar alto durante dias e dias...

Gosto muito de ver o mar, o mar da Foz, com cachopos e molhes em que a investida das ondas é altiva, espumante e rumorosa. Designadamente no inverno, o rio Douro, rio de mou navegar entra nêta tão impetuoso e forte, que vai desdobrando até longe uma larga faixa barrenta. Também morre devogar...

Dizem que a barra é perigosa; mas também estão sempre a farolá-la cá em baixo, quasi ao lume d'água. Nossa Senhora da Luz e, lá no alto, as tôrres da igreja de S. João, abadia e couto beneditino, que foi durante séculos dos monges de Santo Tirso.

Não vou para a beira-mar fazer versos. Ainda que tivesse a mente às musas dada, seria incomparavelmente melhor ouvir as ondas a dizerem os versos de Camões... Não faço versos nem procuro erguer teorias e sistemas de doutrina complicada e inédita. Fujo disso como os tísicos do mar...

Também não posso levar à paciência que alguém, junto de mim, tente inundar a praia toda com a luz dos seus conceitos e das suas curiosidades mentais. É luz demais, deslumbramento... Entre os pensadores da borda-d'água, que a ironia de Camilo conheceu e tratou como mereciam, há muitos que só têm na cabeça algas, espuma e areia. Embora se julguem na plena posse de todo o fósforo das ondas, que vão pensar para outra freguesia...

Gosto muito de ver o mar — a sua luz, a sua cor, a sua espuma, a sua face inquieta, os seus longes misteriosos, os seus poços de prata refletente, o seus poentes que estilizam caprichosamente as mais belas coisas da terra... Gosto de ouvir o sussurro do mar, que para mim é irmão do silêncio, da contemplação e da paz... Gosto muito de estar perto do mar, onde a minha alma repousa e os meus olhos navegam. Encantam-me sempre, as ondas crespas em azul e espuma, como dizia Vieira.

Chateaubriand um dia nas águas das Açores, revoltas pela tormenta, pediu à marinhagem do barco em que seguia para a América, que o atasse a um mastro, para ver de mais perto e melhor o formidável espectáculo. Fizeram-lhe a vontade, e deixaram-no a sós com o mar bravo... Quando puderam voltar à tolda, encontraram o poeta romântico, moço e forte, no seu pósto de observação, a dizer, a clamar: — *ó tempestade, tu não és tão bela no oceano como na poesia de Homero...*

Para o mar alto custa-me um pouco a ir, ainda que seja para ler, ao ritmo das ondas, páginas de Chateaubriand, que foi realmente, na literatura galega, um artista de grande raça.

A praia da Foz foi recentemente modernizada com grandeza e elegância. Deram-lhe esplanadas, terraços,

escadarias, bars, miradouros, arrelvados, chafarizes, bronzes artísticos. Nas mãos do progresso contemporâneo, o cimento faz maravilhas, em ritmo acelerado...

O mar olha para tudo isso com uma indiferença olímpica e desdenhosa, que só se perturba ligeiramente quando as ondas lhe vão dizer que há na praia pessoas dos dois sexos, com trajes e atitudes de quem procura sobretudo expôr-se à curiosidade indiscreta e doentia dum determinado público.

Exageros... Refere o Mediterrâneo que os houve muito parecidos, há milhares de anos, nas costas da Grécia e da Itália. Veio depois a inundação dos bárbaros...

Exageros, que não devem surpreender ninguém, porque estão inteiramente dentro da lógica dos exageros da moda.

Lá onde, a terra acaba e o mar começa, acaba realmente muita coisa e muita coisa começa também, por mal dos nossos pecados...

Correio Pinto

## FALA UM MEDICO

XXIX

### As sezões

Supunham os antigos que, das águas pantanosas se levantavam substâncias perigosas para a saúde, ás quâis chamavam miasmas.

Essas emanações misteriosas produziram as sezões ou maleitas, doença à qual estava sempre ligada a idea de águas estagnadas, das quâis se levantava um ar impuro que a ia provocar.

Por esse motivo lhe chamam os italianos *malaria* e nós designamo-la por paludismo, ou febres palustres, e dos doentes dizemos que estão impaludados. Os progressos da medicina vieram esclarecer o caso.

Veio, primeiramente, da América, a casca de uma árvore, que se tornou um remédio excelente para as sezões: foi a quina, da qual, mais tarde, começou a extrair-se um medicamento muito mais activo — a quinina.

Descobriu-se depois que as sezões são produzidas por um parasita extremamente pequeno, que vive no sangue dos doentes, destruindo-lhe os glóbulos rubros e provocando os acessos intermitentes de febre.

Como é que vai para o sangue o micróbio causador das sezões? Foi o que a medicina averiguou mais recentemente.

Certa espécie de mosquitos, que se alimentam de sangue humano, picando um doente, chupam, com o sangue, micróbios das sezões; depois, picando um homem são, transmitem-lhe o parasita, fazendo-o adoecer também.

Assim se pegam as sezões, bem como a febre amarela.

Para haver estas doenças, é preciso que, em certo lugar, haja pessoas atacadas e o mosquito capaz de transmitir os micróbios do sangue.

Portanto para evitar a sua propagação, devemos dar quinina aos doentes, isolando-os dos sãoes e, sobretudo, exterminar os mosquitos. As suas larvas, criam-se nas águas impuras e, por isso, devemos procurar exterminar essas larvas, secando os pântanos e abafando as larvas dos mosquitos, deitando petróleo nos charcos.

No Rio de Janeiro, no Panamá, em Cuba, na Itália, travaram-se gigantescas obras de hygiene, que venceram a febre amarela e o paludismo. Também em Portugal se iniciam prometedoras campanhas anti-zezonáticas, das quâis muito há a esperar.

Lembro-me que, num dos factos mais culminantes da nossa História, a Batalha de Aljubarrota, as sezões

# O Resgate

— Não, minha mãe; não mudarei de opinião. Se me não deixar entrar já no Seminário, será mais tarde; tenho confiança em Deus. Boa noite!

E depois desta resposta cuja firmeza deixou a fidalga estupefacta, Jorge Maria, onze anos frescos e graciosos, de grandes olhos negros, resolutos, saiu da sala.

Havia uma semana apenas que tudo fora festa na solarenga Casa do Cremil em honra da distinção conferida ao pequeno no exame de 2.º grau. D. Maria da Glória abriu até uma excepção no rigoroso isolamento em que se confinara desde a morte do marido e oferecera um lauto jantar a parentes e algumas das pessoas das suas relações mais íntimas.

Quantas lágrimas tinham corrido desde então, quantos sonhos de carreiras brilhantes ameaçados de cair por terra pela ideia fixa do filho! Quem lhe teria metido na cabeça?... Sim... porque uma criança...

Aqui D. Maria da Glória deteve-se comprimindo com as mãos nervosas o coração que parecia estalar.

É que a imagem duma outra criança se vinha antepôr à do filho...

Havia quasi quinze anos. Ainda solteira, viera um dos rendeiros da suas propriedades lamentar-se-lhe de que o filho, seu afilhado, terminada a escola primária, manifestava um grande desejo de entrar no Seminário. Concordara com elle em que, em vez de lhe fazer a vontade, devia obrigá-lo a trabalhar nas terras para, como o pai, se fazer um homem. Viera em seguida o pequeno suplicar-lhe que lhe valesse, confiado em que, como madrinha, lhe não faltaria com o apoio e os meios para a sua ordenação. Não o quisera atender, fora inflexível.

E o rapazito — que tinha grande gosto pelo estudo e não se ajeitava aos trabalhos rurais — em vez de vir a ser um homem de bem como o pai, transtornado por más leituras e desafiado por más companhias, abalara da terra e pouco depois vinha a noticia de que acabara miseravelmente num hospital do Pôrto.

Sem dúvida que o facto a impressionou vivamente, mas tanta coisa viera depois distraí-la que só acidentalmente e ao de leve lhe vinha ao pensamento. Agora, porém, parecia-lhe que seria para sempre impossível apartar a imagem do filho da do desditoso afilhado.

Entretanto, de joelhos junto do leito, no luxuoso quarto que ansiava trocar pela singeleza da camarata do Seminário — a caserna dos soldados de Nosso Senhor, como dizia — abraçado ao Crucifixo, Jorge Maria rezava na verdade com confiança mas sem poder conter as lágrimas.

De súbito um rumor na porta-janela que dava para um terraço com descida para o jardim fez-lhe estancar preces e lágrimas. Como quem soubesse do que se tratava, levantou-se, puxou cautelosamente os fechos da porta de madeira e sorriu ao rosto que se colava à vidraça, emoldurado de guedelha hirsuta, olhar cheio de vida, boca escancarada em jeito alegre e malicioso.

Mas no momento em que o peque-

no camponês já no meio do quarto, em frente do fidalguinho, lhe notava os olhos vermelhos e as faces molhadas, a sua fisionomia tomava um aspecto duro, de lábio inferior muito estendido, de sobrolho carregado.

— Não deixa, pois não? inquiriu.

— E a tua?

— A minha deixava... O pai é que é pior...

— Talvez o meu deixasse, disse com tristeza Jorge Maria, mas já o não tenho...

— Pois lá no Céu é que elle pode pedir para a gente ir ambos a sermos padres...

No corredor ouviam-se leves passadas.

— Schiu... Lá vem ella, continuou, de novo com o seu jeito garoto.

E esgueirou-se para o terraço.

\*\*\*

As férias estavam no fim. Jorge Maria, que a mãe levara às águas, à praia, e a quem proporcionara uma infinidade de passeios e divertimentos, nunca mais abriu a boca sobre o assunto. D. Maria da Glória, contudo, não se iludia e não podia suportar em seu coração extremo aquêle ar sério e resignado com que elle ouvia as suas alusões à frequência do liceu na cidade próxima, ao projecto da compra de um automóvel para esse fim, em vez de utilizar a carreira da camioneta, a tudo o que se referia a um futuro mais ou menos próximo.

Cada vez mais atormentada e não confiando a ninguém os seus pesares, a fidalga recebeu um dia carta duma amiga de infância a comunicar-lhe que a filha mais nova — a única que lhe restava — ia dar entrada numa congregação religiosa. Tinha um filho missionário na Índia e a filha mais velha, religiosa também, morrera na guerra de Espanha, mal havia um ano. A alegria com que aquela outra mãe acedera ao desejo da filha que devia ser o seu amparo na velhice causou em D. Maria da Glória uma espécie de emulação e uma vontade imperiosa de se abrir com ella. Uma hora depois, mandando o filho para casa de uns parentes a passar o dia, metia-se no combóio.

Voltava outra.

\*\*\*

Reclinado no ombro da mãe que o cingia amorosamente, Jorge Maria, já noite alta, não acabava de lhe mostrar o que ia no seu coraçãozinho de apóstolo...

— E agora, meu amor, dizia pela terceira vez D. Maria da Glória, não se conversa mais... Vamos descansar e amanhã começaremos a tratar do que é necessário.

E acrescentou:

— As aulas devem estar a abrir... E é preciso tratar do enxoval...

— O enxoval?... E são muitas peças, mãezinha?

A fidalga olhou muito surpreendida o filho que sempre mostrara tão pouco interesse por roupas ou vestuário ainda o mais cómodo ou elegante.

— Não... Não devem ser muitas... Estás a crescer tanto... Mas... porque perguntas?

— E que... mãezinha... eu conseguí que o Jacinto da Portela deixasse ir também o filho... e elles são tão pobresinhos...

D. Maria da Glória de novo beijou o filho com a maior ternura e, sorrindo entre lágrimas:

— O remédio é simples... O pequeno será meu afilhado do Seminário e para começar, em vez de um enxoval, fazem-se dois...

Nobrememente, generosamente, a fidalga do Cremil resgatava o seu erro de outrora.

M. de P.

# Crónica Financeira

Portugal é um país onde o nível de viver é extremamente baixo em relação ao dos demais países civilizados. Entre nós a grande maioria da gente come mal, veste-se com andrajós, e não sai da sua toca. É verdade que não é Portugal o único país onde assim succede, porque na Itália, na Espanha doutros tempos (que na de hoje nem é bom falar...), na Alemanha, etc., não se vive melhor, segundo dizem as pessoas que viajam e sabem entender o que vêem. Mas em Portugal, não só se vive mal, mas há tendência para se viver cada vez pior, e é nisso que está o perigo.

A população portuguesa aumenta rapidamente, a-pesar-da miséria em que a maior parte vive, tanto nas aldeias como nas cidades. Segundo os recenseamentos officiaes, a população portuguesa do continente e ilhas adjacentes, foi de:

Anos	Varões	Fêmeas	Total
1930	3.255.876	3.570.007	6.825.883
1920	2.855.818	3.177.173	6.032.991
1910	2.828.691	3.131.365	5.960.056
1900	2.591.600	2.831.532	5.423.132
1890	2.430.339	2.619.390	5.049.729

O crescimento médio por década é de 444.038 pessoas ou sejam cerca de 44.000 por ano.

De 1911 a 1920, o acréscimo da população foi apenas de 72.935 pessoas, ou seja, a sexta parte do crescimento médio, devido com certeza ao aumento de mortalidade provocado pelas dificuldades da vida resultantes da guerra, e bem assim à mobilização geral, etc., etc. Mas o terreno perdido logo se recuperou na década seguinte, em que o acréscimo de população foi de 792.892 pessoas, quasi o dôbro do costumeado.

Não admira, portanto, que Portugal apresente uma taxa bruta de reprodução verdadeiramente excepcional na Europa e até na América. Das quinze nações europeias de que o Anuário Estatístico da Sociedade das Nações publica os dados, Portugal só é excedido pela Bulgária, nas taxas de reprodução.

Isto, se por um lado é sintoma óptimo, porque representa grande vitalidade da raça, por outro lado está-nos criando grandes dificuldades, porque já começa a faltar lugar para mais gente. A falta de trabalho nos campos é sintoma seguro de que o território português está a atingir a saturação populacional.

Até à crise de 1929, havia a emigração que dava saída ao excesso da nossa gente. Agora os países estrangeiros quasi se fecharam para os emigrantes e esse recurso faliu.

Apelar para os Governos também não é forma de resolver o problema, por que há-de chegar um momento em que as possibilidades governamentais acabam por se esgotar. Onde cabem 7 milhões de pessoas já muito apertadas, certamente que não caberão 8 milhões ou 9, por muito que se cheguem umas para as outras e por melhor que o Governor seja. A causa principal da miséria portuguesa, quanto a nós, são os casamentos precoces. Operário e jornaleiro que casa cedo, condena-se a morrer de fome, a elle mesmo, a mulher e aos filhos. Os exemplos estão à vista em toda a parte. É só abrir os olhos e ver. Mas convinha que se fizesse propaganda intensa contra estes casamentos de miséria que tanto contribuem para debilitar a raça e sobrecarregar os hospitais e os asilos.

Antigamente, jornaleiro que cassasse cedo, era sabido que dois ou três anos depois estava no Brasil. Hoje, infelizmente, já nem esse portelo tem para fugir à miséria. A mocidade é ignorante e estouvada, e não olha para os precipícios que tem no seu caminho. Grande obra de misericórdia fará quem ajudar a abri-lhe os olhos.

Pacheco d'Amorim

P. L. Este número foi visado pela Censura